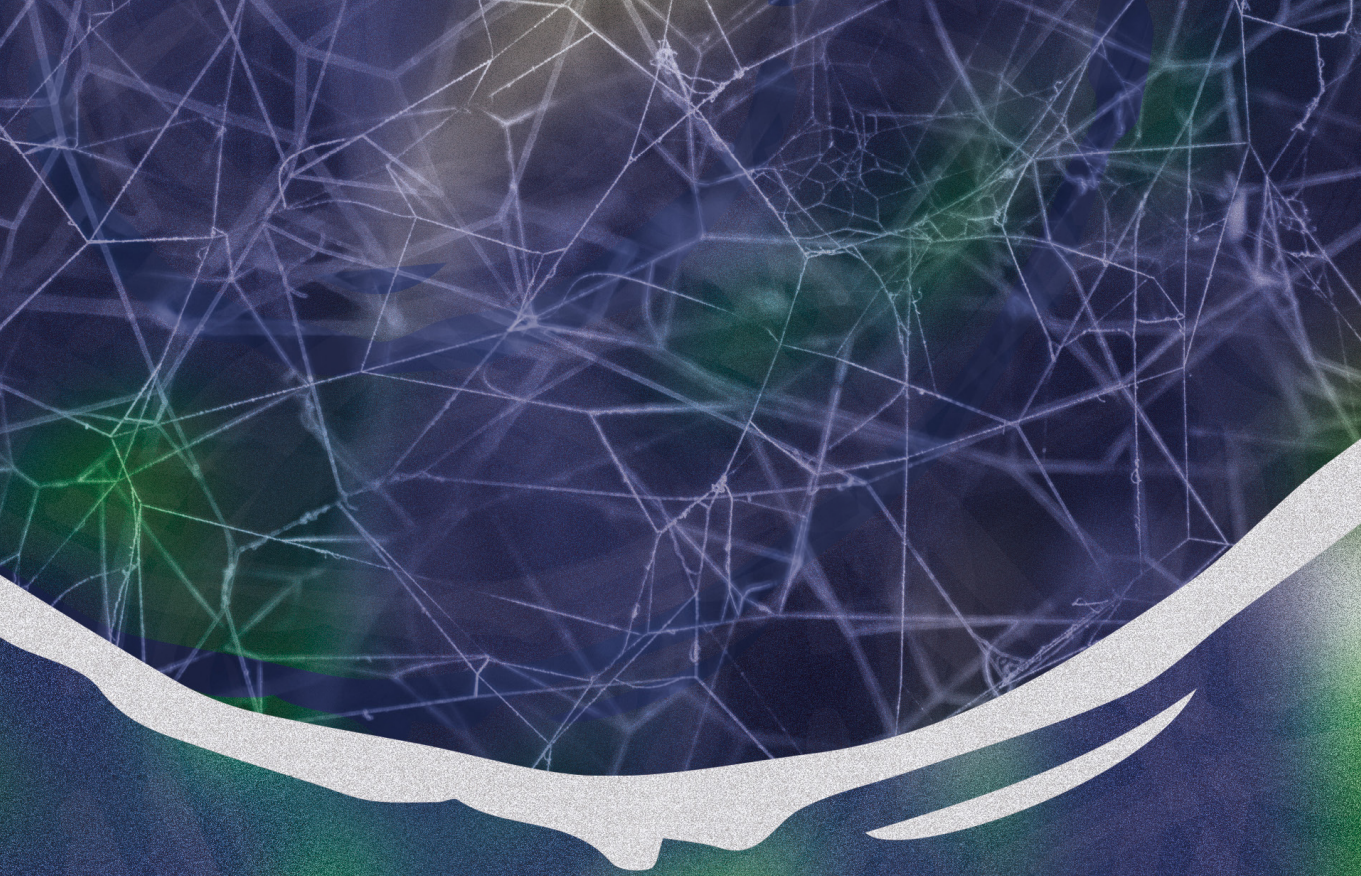


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 4 – Escolas

Antropologia-Educação: algumas considerações

Alessandro Roberto de Oliveira

Este livro reúne um conjunto de ensaios, produzidos por estudantes de Pedagogia, que transitam entre os domínios da Antropologia e da Educação. Esses campos do conhecimento são estruturados por princípios e pressupostos diferentes. Apesar disso, essas duas áreas do saber também têm afinidades, aspectos complementares e muitas possibilidades de cooperação. Esse entrecruzamento interdisciplinar tem se intensificado nos últimos anos na convergência de interesses nas formas de relações entre as pessoas e o mundo, na sociabilidade, nos processos de aprendizagem e nas relações entre educação e cultura (Steil; Carvalho; Gomes, 2015; Eckert *et al.*, 2017).

A aproximação entre esses campos tem uma história de pouco mais de um século no plano internacional e no Brasil. Desde o final do século XIX, é possível localizar estudos antropológicos interessados em compreender aspectos culturais da infância e da adolescência no eixo euroamericano da disciplina, e no país, por meio da constituição de Gabinetes de Antropologia e Psicologia Pedagógica nas Escolas Normais (Oliveira, 2013). Alguns pesquisadores identificam uma intensificação do interesse de educadores pela Antropologia a partir das décadas de 1970/80, principalmente atraídos pelas possibilidades metodológicas da etnografia para o desenvolvimento de pesquisas sobre temas educacionais (André, 1995).

Esse movimento de aproximação interdisciplinar também configurou um campo de confronto e compartimentação do saber, no qual prevaleceu uma concepção da Antropologia como ciência e da Educação como prática (Gusmão, 1997). Grosso modo, a Antropologia é entendida como ramo do conhecimento dedicado ao estudo das diferentes configurações sociais e culturais da humanidade, movido por uma postura compreensiva, interpretativa e reflexiva. Já a Educação é pensada como campo do conhecimento dedicado à intervenção na realidade, consistindo, portanto, em um saber de caráter prescritivo e normativo, interventivo, que exerce uma intencionalidade educativa. Segundo um dos seus principais ideólogos no país, a Pedagogia é esse campo do conhecimento dedicado à prática educativa concreta que atua na configuração da existência humana individual e grupal (Libâneo, 2007).

Preposições e conectivos podem ser lidos como índices relacionais dessa dinâmica interdisciplinar. Quando se fala, por exemplo, em “Antropologia da Educação”, toma-se o fenômeno educacional como objeto de análise situada na matriz teórica da Antropologia.

Já a combinação "Antropologia e Educação" indica o movimento por um saber de fronteira, híbrido, orientador de pesquisas e práticas educativas por parte de educadores (Dauster, 2007). De outra forma, a "Antropologia como Educação" (Rocha e Tosta, 2013) coloca a disciplina não apenas como uma ciência acadêmica produtora de explicações sobre as representações ou práticas do "outro", mas como uma forma de educar aberta à curiosidade, à criatividade, e à aprendizagem na relação com as diferenças.

Apesar das nuances importantes entre essas formulações, é possível notar uma constante nessa relação interdisciplinar no Brasil, quando lida sob o prisma da produção da Antropologia. De um lado, a defesa do aparato teórico da disciplina, com ênfase no conceito antropológico de cultura (Dauster, 2015; Gusmão, 2015), e as preocupações com o rigor e a banalização do método etnográfico quando instrumentalizado por estudantes e pesquisadores no campo da Educação (Fonseca, 1999; Oliveira, 2013; Valente, 1996); de outro, a reafirmação sistemática das contribuições da Antropologia para a pesquisa e a formação de educadores.

É possível notar que o trânsito interdisciplinar é discutido na via das "contribuições" da Antropologia para a Educação e que nem sempre há um movimento inverso de reconhecimento das contribuições da Educação, de seus aparatos teóricos, seus modos de fazer e suas contribuições para a formação de antropólogos (Schweig, 2022).

Neste livro, a escolha do uso gráfico do traço conectando "Antropologia-Educação" representa uma intenção. Ele sinaliza um desvio da imagem de dois domínios territoriais segmentados e a aposta na linha de interesse como atrator do que pode ser a Antropologia para a Educação e vice-versa. Nesse sentido, almeja estabelecer relações de correspondência (Ingold, 2017, 2022) entre essas áreas na composição de movimentos que respondem uns aos outros, entendendo que a interdisciplinaridade não está dada, nem pretende ser alcançada, mas ela ocorre circunstancialmente.

Naturalmente, os ensaios que compõem este livro transitam entre essas nuances de uma Antropologia da/e/como Educação e são inspirados por uma proposta avaliativa que pretende valorizar, ativar e partir do saber prévio, da experiência e da leitura de mundo das estudantes em direção ao diálogo com o conhecimento sistematizado. Essa é uma estratégia didática praticamente consensual no universo teórico da Pedagogia, pelo menos desde Paulo Freire. Nesse caminho, a Antropologia aparece para cada estudante a partir de suas linhas de interesse, em uma relação de correspondência, e não como pacote de conhecimento retransmitido e memorizado.

Quero reafirmar que os escritos aqui reunidos podem ser úteis como recurso didático. Primeiro por serem textos curtos que permitem a leitura individual ou coletiva como dinâmica adequada ao tempo de aula. As trajetórias de vida familiares, as diferenças entre gerações, os conflitos raciais, de classe e de gênero, as desigualdades sociais reforçadas culturalmente através da Educação e o jogo de posições estruturais que emergem das histórias: pais, crianças, estudantes, professores, instituições e seus contextos podem servir de temas geradores, de fontes para problematizações que vão além daquelas previstas por suas autorias.

Na abertura do livro, enunciei que esses ensaios podem ser de interesse das Ciências Sociais e da Antropologia, de modo particular. A essa altura, alguns pontos podem ser destacados. Um deles é o significado da descrição na Antropologia. Nas últimas décadas, a escrita antropológica tem sido objeto de atenção na disciplina e fora dela. Desse ângulo, os ensaios podem ser lidos explorando as diferentes escolhas e performances narrativas. A maioria dos textos desta coletânea é escrita na primeira pessoa e tem caráter biográfico ou confessional, outros transitam entre montagens dialógicas, descrições objetivas e alternância de perspectivas. Alguns optam por uma estrutura mais rígida de separação entre descrição e diálogo teórico, outros são mais fluidos, e alguns embaralham essas coordenadas.

Esses aspectos podem ser interpretados a partir de uma perspectiva histórico-teórica da Antropologia. Desde a abertura de *Argonautas do Pacífico Ocidental* (Malinowski, 2018), com seu convite ao leitor para imaginar-se em uma praia deserta prestes a encontrar uma cultura radicalmente diferente, até a celebre descrição da briga de galos de Geertz (1989), em que o autor nos descreve como finalmente ele e a esposa deixaram de ser como "sopros de vento" e passaram a ser vistos como seres humanos e aceitos no mundo balinês, a escrita na Antropologia recorre aos contextos, às cenas, histórias elucidativas, referências significativas, para estabelecer relações entre quem escreve, quem lê e o sentido antropológico do que está sendo descrito.

A revolução malinowskiana na Antropologia não se deu por trazer à tona ideias radicalmente inovadoras, mas principalmente por apresentar, de maneira inovadora, uma forma de organização do conhecimento sobre uma cultura absolutamente diferente da cultura ocidental europeia da época. Contra os quadros de referências da Antropologia Evolucionista daquele momento histórico no início do século XX, esse autor instaurou uma forma diferente de descrição, reconstituindo uma experiência vivencial, de maneira retrospectiva, estabelecendo outro tipo de relação com o que estava sendo descrito e com seus leitores.

Mais que a sistematização de uma metodologia de trabalho de campo intensivo ou a invenção do holismo, da sincronicidade e da comparação entre unidades culturais com suas estruturas de funcionamento descritas em seus contextos de ocorrência, o que esse fundador da Antropologia moderna fez foi criar um tipo de ficção persuasiva (Stratern, 2014), geradora de efeitos duradouros no ambiente teórico-metodológico da Antropologia por tonar presente para o leitor algumas teorias trobriandesas sobre economia e riqueza, magia e linguagem. Como é próprio do processo de desenvolvimento de uma disciplina, essa obra ainda é lida hoje nos cursos de formação em Antropologia pela sua relevância teórico-metodológica para o campo disciplinar, em que os posicionamentos do autor e as relações coloniais em que a obra foi gerada estão sendo avaliados criticamente sem perder de vista seu caráter frutífero e original.

Essa abertura para a descrição vivencial, incluindo a perspectiva na primeira pessoa, é uma característica das descrições antropológicas que ainda hoje incomoda colegas mais positivistas das ciências vizinhas. Entretanto, a descrição antropológica não é apenas uma descrição de caráter pessoal e subjetivista. Como argumentou Geertz em uma chave hermenêutica, os antropólogos produzem descrições microscópicas e densas, e têm como

objeto uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, sobrepostas, irregulares, que precisamos apreender e ler, como um manuscrito em uma língua estranha. Para isso, recorremos a fragmentos de histórias alusivas, piscadelas, alegorias, que abrem caminho para estabelecer relações entre fatos pequenos e grandes temas.

Como situa Cardoso de Oliveira (1996) no texto muitas vezes citado em diversos ensaios neste volume, escrever é um momento fundamental do ofício antropológico, ainda que reconheçamos cada vez mais as possibilidades desse trabalho ser elaborado por meio de outras linguagens, como o desenho, a fotografia e o filme. Nas últimas décadas do século XX, a escrita tomou a reflexão de uma vertente da Antropologia autonomeada pós-moderna. A escrita passou a ser objeto da reflexão e questões sobre representação da alteridade, autoria, autoridade e desigualdades de poder na produção do conhecimento antropológico foram colocadas sob escrutínio. Segundo um dos principais autores dessa corrente, a etnografia, como escrita, e seu conteúdo, a descrição cultural, foram enquadrados como uma performance, um enredo estruturado com histórias poderosas de eventos culturais que trazem consigo afirmações existenciais, morais, ideológicas e até mesmo cosmológicas (Clifford, 1998).

O que há de comum entre os modelos de descrição etnográfica modernista e pós-moderna é a continuidade da separação entre o sujeito que descreve e o sujeito que é descrito na etnografia, marcada por distâncias sociais, geográficas e/ou culturais. Nesse jogo, a Antropologia continua sendo o discurso sobre o "outro". No primeiro caso, a etnografia modernista se dedica a apresentar o ponto de vista do nativo, traduzir a coerência interna e o sentido do seu mundo a partir de seus próprios termos, abrindo terreno para a comparação antropológica em chave diferente do evolucionismo cultural. No segundo, a reflexão pós-moderna se desloca para as transformações suscitadas pelo processo histórico e os impactos éticos, teóricos e políticos implicados nessa relação e abre espaço para outros modelos de escrita: dialógico, polifônico, autorreflexivo.

Em que pese o processo histórico de interpelação dessa estrutura epistemológica da disciplina e a pluralização das tradições etnográficas, o arquétipo antropológico do estrangeiro em uma sociedade exótica ou de um escritor pertencente a um domínio cultural (radicalmente) diferente daquele sobre o qual escreve continua vigorando na reprodução pedagógica normativa da disciplina, operando como um instrumento de poder no estabelecimento de hierarquias no campo intelectual da Antropologia (Oliveira Filho, 2009).[1]

Aqui se colocam três questões fundamentais para a Antropologia: *i)* a etnografia como termo que engloba o método de pesquisa e a escrita antropológica; *ii)* o jogo de relações estruturado pelo que se convencionou denominar de "campo" e a relação com a alteridade; *iii)* o fato de que a etnografia, no sentido etimológico, é a descrição de um povo ou de uma cultura.

Os estudos pós-coloniais trouxeram críticas incontornáveis aos modos de representação da alteridade e ao controle sobre a voz de sujeitos subalternizados pelo conhecimento produzido no

[1] Mariza Peirano (2006) faz uma reflexão sobre os graus de alteridade priorizados nos estudos antropológicos no Brasil, de uma alteridade radical dos povos indígenas até alteridades próximas dos estudos urbanos e de comunidades.

mundo acadêmico ocidental. Carvalho (2001), por exemplo, discute as possibilidades de uma etnografia pós-colonial que aproxima a Antropologia da Teoria Literária Comparada e propõe aos etnógrafos que inscrevam vozes não inscritas no cânone por meio de textos que politizem o espaço discursivo que se abre na cadeia representacional ativada por grupos subalternos, considerando a radicalidade cognitiva que essas vozes trazem e, assim, expandindo a diferença.

Essa proposta é interessante como crítica e encaminhamento, embora, no argumento em favor da ideia de inscrever vozes, a etnografia permaneça como concessão de espaço no texto acadêmico para o subalterno falar. Mas, efetivamente, ninguém precisa de alguém que lhe dê voz. As vozes subalternas existem e estão cada vez mais presentes no campo acadêmico por si mesmas, escrevendo em primeira pessoa. De outro modo, nem toda escrita antropológica se reduz à etnografia. Acredito que o desafio para escrita antropológica esteja em outro lugar epistêmico, desafiador, de produzir descrições significativas sobre o mundo sem que seja necessário tomar o outro como objeto ou tratar da concessão de espaço. Esse é um desafio para qualquer posição de escrita. Se a pessoa é de fora do contexto sobre o qual escreve, isso coloca questões importantes sobre a forma de descrever os fenômenos, se é de dentro, surgem questões de outra ordem, não menos importantes, que também confrontam quem escreve.

A etnografia continua sendo uma forma importante de colocar questões, na medida em que não se reduz a uma metodologia, prática e técnica de pesquisa, ou mera descrição de dados empíricos. Etnografia é sempre o entrecruzamento da imaginação antropológica, que se nutre da teoria e é a própria teoria vivida tanto nos textos, no cotidiano acadêmico da interação entre professores e estudantes, quanto nos debates entre colegas (Peirano, 2008). Mais que um estilo de interpretação cultural ou política de representação da alteridade, como predominou o debate no contexto acadêmico norte-americano entre o final do século passado e no início deste século, na América Latina temos outras proposições que vão além das controvérsias sobre a escrita e investem em uma dimensão epistemológica da etnografia como um processo de coteorização (Rappaport, 2007) com as pessoas com quem se faz trabalho de campo. Nesses termos, a etnografia tensiona e transforma o universo teórico, renovando debates e transformando o próprio campo teórico da disciplina a partir de outras epistemologias.

Historicamente, a etnografia já foi compreendida como etapa da produção de conhecimento antropológico. Primeiro a descrição minuciosa de um povo ou cultura, depois o exercício de generalização comparativa. O uso indeterminado do termo "etnografia" ou "etnográfico" dentro e fora da Antropologia, para qualificar relações e descrições superficiais, muitas vezes perdidas em um subjetivismo pueril e vazio, que reproduzem desigualdades de poder indefensáveis, tem gerado um movimento para distinguir a Etnografia da Antropologia (Ingold, 2017).

Segundo Ingold, trata-se de empreendimentos diferentes. A etnografia consiste em um tipo de descrição sensível, matizada e ricamente detalhada de como a vida é vivida por determinadas pessoas em um contexto. A Antropologia é outro tipo de empreendimento. Praticar Antropologia é estudar com as pessoas, em um caminho que nos permita ampliar nossa sabedoria refinando nossas habilidades de observação, raciocínio e pensamento crítico sobre as condições e possibilidades da vida que nos permitam lidar com os desafios do

mundo em que vivemos. Isso é diferente de produzir estudos sobre o "outro", tomar seu lugar, apropriar-se de seus conhecimentos ou distorcê-los por meio de interpretações. Praticar Antropologia consiste em cultivar o exercício especulativo próprio do seu praticante, comprometido com uma abertura fundamental para a alteridade do mundo, e esse caminho pode ser interessante para romper grandes divisores, como entre nós/eles.

Como indicamos na abertura, este livro é um experimento de produção de conhecimento antropológico com estudantes de graduação. Nesse sentido, é importante ficar claro que os ensaios reunidos nesta coletânea não são "ensaios etnográficos", mas textos educacionais e educativos. Educacionais porque são exercícios de aprendizagem situada, produzidos em um contexto específico de estudos, isto é, fazem parte do processo formativo de estudantes de Pedagogia experimentando olhar para a diversidade de significados da Educação em diálogo com perspectivas da Antropologia.

Nas aproximações com o modo das autoras de trabalhar na disciplina, há uma ênfase preponderante sobre o valor da observação e sua relevância para o trabalho do educador. Nesse sentido, o componente narrativo das trajetórias, infâncias, ficções e experiências escolares presente nos textos exercita os poderes de observar, pela lente da Antropologia, cenas, histórias, referências próximas, levando adiante esboços especulativos sobre os sentidos da Educação e da cultura. Na nossa experimentação na interface interdisciplinar, a descrição não está interessada em produzir representações etnográficas da alteridade. Nestes exercícios, pode-se dizer que as autoras habitam a descrição que tecem, logo, observação e descrição estão integradas.

Nesses textos não há uma separação entre "estar lá" numa outra cultura e "estar aqui" escrevendo sobre o "outro". A noção de "campo" cede lugar à vida, vivida ou imaginada, nas relações com os avós, com os pais, com os filhos, sobrinhos, nas escolas, nos hospitais, nos filmes, séries e livros, na companhia de professores e na posição de professoras.

Esse movimento está em consonância com o que vem insistindo Ingold, ou seja, para fazer Antropologia, não é preciso imaginar o mundo como "campo". Os antropólogos fazem seu pensamento, discurso e sua escrita no e com o mundo, e, se a Antropologia é um tipo de estudo com as pessoas, como afirma o autor, a proposição contemporânea do que é Antropologia ressoa o que escreveu Paulo Freire há bastante tempo nos seguintes termos: "a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente." (Freire, 1981, p.2).

Aqui a noção de alteridade é matizada. Como escreveu Brandão (2002), a educação é resultado de interações significativas da pessoa com ela mesma, evocando um aforismo de Bachelard, retirado de algum lugar: "eu estou só, logo, somos quatro". Ao explorar a escrita antropológica de maneira inventiva, muitas estudantes experimentaram a alteridade no interior de seus universos e horizontes subjetivos, identificando, reconhecendo, descobrindo dimensões de si e do mundo que não estavam colocadas de saída. Como me disse em sala uma estudante do primeiro semestre de 2021, "o mais desafiador foi relacionar a história com os textos. Quando fiz isso, percebi aspectos da minha história que não havia me dado conta até hoje".

A noção de história também ganhou novos sentidos. Em que pese as críticas aos estilos de Antropologia modernista ou pós-moderna, parece se manter o valor de pensar a escrita antropológica como inscrição de histórias significativas. Essas histórias abrem caminho para a experiência especulativa e, no movimento de buscar o diálogo teórico, operam como vias de fuga do subjetivismo rumo a uma compreensão mais ampla dos fenômenos. A afirmação de Marx retomada por Ingold (2019) na leitura básica que realizamos fornece esse ângulo, ainda que não seja essa a intenção original da retomada dessa ideia pelo antropólogo britânico. Trata-se do reconhecimento de que os seres humanos fazem a sua própria história, mas a fazem sob as circunstâncias existentes, que não são de sua escolha. Essa proposição nos coloca diante da concretude das condições da vida, em suas dimensões propriamente materiais, mas também simbólicas. A perspectiva histórica que surge nos ensaios, principalmente naqueles reunidos na seção trajetórias, permite reconhecer as mudanças culturais ao longo do tempo e das gerações, como, por exemplo, o valor dado à continuidade dos estudos dentro de diferentes famílias.

Nas escolhas dos diálogos teóricos que tecem, são constantes as referências que lemos e debatemos em sala de aula. Mas há também referências bibliográficas complementares do curso (professores vão concordar que essas indicações raramente são levadas a sério dentro dos planos de ensino); artigos e conteúdos vistos em outras disciplinas da casa, da Filosofia, da Psicologia da Educação, da Pedagogia e mesmo textos lidos pelas autoras em outros cursos de graduação. Considero esse aspecto um índice de aprendizagem inventiva também no plano desses diálogos teóricos que esses(as) jovens estudantes escolheram elaborar.

Essas considerações nos levam ao caráter educativo dos ensaios. Educar, segundo Brandão (1985), é criar cenários, cenas e situações em que os significados da vida podem ser criados, renegociados e transformados. Nesse espírito, os ensaios deste livro são educativos porque podem nutrir discussões sobre as múltiplas dimensões da educação e da cultura nas vidas de outras pessoas, ampliando o universo imaginativo do conhecimento por meio do diálogo e da comparação, seja pela convergência, seja pelo contraste ou pela crítica. Esses textos foram escritos por jovens estudantes do primeiro semestre do curso de Pedagogia e versam sobre temas com grande potencial de identificação e estranhamento por parte de outros jovens estudantes de graduação a partir das referências culturais, histórias e cenas apresentadas por essas autorias.

É nesse sentido que acreditamos na possibilidade de ser um recurso didático capaz de despertar interesse e engajamento em discussões realizadas em sala, tão importantes pedagogicamente para a construção coletiva de conhecimento, ao mesmo tempo sensível e crítico, próprio do processo de formação universitária, sobretudo nas Humanidades e para futuros profissionais da Educação.

A sala de aula no ensino superior não precisa ser um ambiente tedioso. Como ensina a Pedagogia feminista desenvolvida por bell hooks (2017), o entusiasmo pode coexistir com a atividade acadêmica séria e comprometida.[2] Na comunidade da sala de aula, a produção dessa atmosfera é afetada pelo interesse e pela escuta atenta de uns pelos outros.

[2] A grafia do nome em minúsculo é uma posição político-epistêmica desta autora que consideramos respeitar

A experiência de aprendizagem não precisa e não deve estar atrelada ao tédio e ao sofrimento psíquico – ela pode ser instigante, provocativa e até mesmo prazerosa. Valorizar a produção de conhecimento de estudantes e não apenas de autoridades de um campo do conhecimento é uma prática pedagógica que investe no reconhecimento dessa produção e não apenas no consumo. O primeiro passo para uma pessoa produzir conhecimento acadêmico é ela acreditar que pode fazer isso.

Essa é a aposta deste livro, na esperança de propiciar outras experimentações pedagógicas *com* esses ensaios e não *sobre* eles, em termos de tomar o que está escrito como medida para avaliar suas autoras ou interpretar suas visões de mundo, situando-as neste ou naquele enquadramento classificatório redutor. Como observou Strathern sobre a descrição antropológica:

> O efeito de uma boa descrição é ampliar a experiência do leitor. Mas as próprias experiências do leitor constituem um problema: qual é a garantia de que a descrição não irá fomentar preconceitos, de que ela não irá, em vez de expandir uma perspectiva estreita, apenas estreitá-la ainda mais? (Strathern, 2014, p.174)

Esperamos vivamente que esses ensaios ampliem a experiência daquelas pessoas que se debrucem na sua leitura. Entretanto, nos escapa garantir que esses escritos não possam fomentar a emergência de visões preconceituosas em sala de aula, mas, se provocarem a exposição das experiências próprias de quem lê nessa direção, isso também será sinal do seu sucesso, pois criará um ótimo momento para a mediação pedagógica. Como pontuou Santos (1994), o estudo da cultura pode ser uma plataforma firme para dissipar preconceitos e reafirmar a dignidade nas relações humanas.

Referências

ANDRÉ, Marli. Etnografia da Prática Escolar. 4ª Ed. Campinas: Papirus, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Educação? Educações: aprender com o índio”. In: BRANDÃO, Carlos R. O que é Educação. 18ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 7-12.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver. In: BRANDÃO, Carlos R. A Educação como Cultura. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002, p.11-28.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, v. 39, n. 1, p. 13-37, 6 jun. 1996.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. Horizontes Antropológicos, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DAUSTER, Tania. Um saber de fronteira-entre a Antropologia e a Educação. In: DAUSTER, Tania (Org.). Antropologia e Educação. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2007.

DAUSTER, Tania. Um diálogo sobre as relações entre etnografia, cultura e educação – representações e práticas. Linhas Críticas, v. 21, n. 44, p. 39-56, 2015.

ECKERT, Cornelia et al. Apresentação. Horizontes Antropológicos, v. 23, n. 49, p. 9-18, set. 2017.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 10, p. 58-78, 1999.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade, 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos. Linhas Críticas, v. 21, n. 44, p. 19-37, 18 maio 2015.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. Cadernos CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, dez. 1997.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

INGOLD, Tim. Antropologia versus etnografia. Cadernos de Campo, v. 26, n. 1, p. 222-228, 19 jun. 2017.

INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve? Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia São Paulo: Ubu Editora, 2018.

OLIVEIRA, Amurabi. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação? Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 69-81, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na Antropologia. Cadernos do LEME, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 2-27, jan./ jun. 2009.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe, [online], n. 2, 1 fev. 2008. Disponível em: https://journals.openedition.org/pontourbe/1890. Acesso em: 25 jun. 2023

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. Antropologia & educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS, José Luiz. O que é Cultura. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCHWEIG, Graziele Ramos. Etnografia, colaboração e experimentação: apropriações e interferências entre ensino e pesquisa. Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia, v.54, n.3, 3 nov. 2022. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/54929/33141. Acesso em: 5 maio 2023.

STEIL, Carlos; CARVALHO, Izabel de; GOMES, Ana Maria Rebello. Apresentação. Horizontes Antropológicos, v. 21, n. 44, p. 9-17, dez. 2015.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional. Pro-Posições, Campinas, v. 7, n. 20, p. 54-64, 1996. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644228. Acesso em: 25 jun. 2023.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO